

Pesquisa Qualitativa: evolução e critérios

Gabriel Vouga Chueke* & Manolita Correia Lima**

Resumo: Este ensaio-teórico tem por objetivo realizar um panorama da evolução do conceito de pesquisa qualitativa. Além disso, busca-se trazer à tona alguns critérios e diretrizes a serem observados no desenvolvimento desse tipo de investigação. Para alcance do objetivo proposto, são apontados critérios oriundos de diferentes linhagens paradigmáticas, as quais divergem em relação ao próprio conceito de pesquisa qualitativa e como a mesma deve ser instrumentalizada. Acredita-se que a exposição dessas visões díspares e, também, a partir da exposição da evolução do campo, se possa colaborar com o desenvolvimento da pesquisa qualitativa nas diferentes áreas de conhecimento acadêmico.

Palavras-chave: Pesquisa Qualitativa. Método. Evolução do Campo.

Abstract: This theoretical article aims to carry out an overview of the evolution of the concept of qualitative research. In addition, we seek to bring some criteria and guide lines to be followed in developing this kind of research. To this end, we appointed some criteria from different paradigmatic lines, which differ in relation to the concept of qualitative research, and how it should be exploited. We believe the exposure of these different views, and also from the exposure of the field evolution, can collaborate with the development of qualitative research in different areas of academic knowledge.

Key words: Qualitative Research. Method. Evolution of the Field.

* **GABRIEL VOUGA CHUEKE** é Mestrando pelo Programa de Mestrado em Gestão Internacional da ESPM/SP. Possui graduação em Administração pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2006) e em Comércio Exterior pela Universidade do Vale do Itajaí (2003).

** **MANOLITA CORREIA LIMA** é Professora do Programa de Mestrado em Gestão Internacional da ESPM/SP. Possui graduação em Ciências Sociais - Université de Paris III (Sorbonne-Nouvelle) (1984), mestrado em Sociologia dos Espaços Construídos - Université de Paris VII - Université Denis Diderot (1984) e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (2003).

Introdução

Várias disciplinas como a administração, a sociologia, a psicologia, a antropologia, a educação adotam metodologias de natureza qualitativa como alternativa para geração de conhecimento. Sua origem se dá principalmente no campo da antropologia e da sociologia moderna, sendo difundida com maior intensidade a partir dos anos de 1990. A origem e evolução da pesquisa qualitativa são influenciadas, principalmente, por duas vertentes de pensamento antagônicas o positivismo-lógico e o interpretativismo (GODOI, 2006). A primeira, considerada por Boaventura (1997) como paradigma dominante, origina-se dos princípios da ciência moderna. Esse modelo de racionalidade prega que o método de investigação científico deve ser baseado na indução, partindo-se de provas empíricas e na verificação experimental de hipóteses teóricas. Deste modo, qualquer conhecimento válido precisa apoiar-se em testes e na confirmação. Como meta busca-se alcançar resultados objetivos, relativamente livres de palpites e da influência de preconceitos pessoais e culturais do pesquisador (ROHMANN, 2000).

Em reação a essa forma tradicional de fazer ciência, surge o paradigma emergente, esse advoga que a realidade é subjetiva, construída a partir das representações dos sujeitos e entre sujeitos. Acredita-se que o mundo fundamente-se na subjetividade humana, não na objetividade científica. Assim, pesquisador e objeto são construídos na experiência. Logo, a forma tradicional de geração de conhecimento entra em crise, surge a necessidade de novas possibilidades epistemológicas (GODOY, 1995; CALDAS; BERTERO, 2007).

Um dos caminhos possíveis para a ruptura do paradigma dominante seria a pesquisa qualitativa. Neste artigo teórico temos por objetivo apresentar sua trajetória evolutiva e alguns critérios de qualidade que podem contribuir para a legitimação desse tipo de abordagem. Para alcance do objetivo proposto, estruturamos o texto da seguinte forma: após esta breve introdução, apresentamos a trajetória do conceito de pesquisa qualitativa; posteriormente trazemos alguns conceitos que contribuem para sua definição. Em seguida, elencamos algumas características da pesquisa qualitativa de vertente positivista e interpretativista, assim como alguns critérios de qualidade. Por último, tecemos as considerações finais e apresentamos as referências que sustentaram nossas argumentações.

A trajetória evolutiva e os critérios de qualidade da pesquisa qualitativa

Para situarmos a evolução da pesquisa qualitativa, sintetizamos alguns momentos que marcam sua trajetória, e são essenciais para uma tentativa de conceituação. Conforme a visão de Denzin e Lincoln (2006) a construção desse campo de conhecimento passa por uma série de tensões, contradições e reflexões. O primeiro marco histórico desta trajetória conturbada é a fase etnográfica, nesse momento surge o trabalho de campo; busca-se conhecer o outro exótico a partir do ponto de vista do pesquisador. Nas décadas seguintes, os pesquisadores qualitativos passam a questionar a importância da formalização de métodos científicos; o rigor assume grande relevância no debate, e traz à tona a necessidade de um método quase estatístico para o desenvolvimento de estudos qualitativos - tal período foi considerado como a “era dourada” da pesquisa qualitativa.

Na fase que precede esse período, o foco se dá na interpretação dos resultados achados em campo; considera-se que o pesquisador qualitativo nada mais é do que um intérprete de interpretações, assim a generalização dos fenômenos poderia ser feita através do processo de descrição densa dos resultados. Essa trajetória, fortemente influenciada pelo positivismo-lógico, se esbarra na crise da representação.

Nesse momento, que marca a história e o futuro da pesquisa qualitativa, percebe-se que os modelos de verdade e métodos utilizados já não dão conta de explicar a complexidade dos fenômenos. Emerge a importância do contexto; da experiência vivida e criada coletivamente; questionam-se os critérios tradicionais de avaliação e interpretação; os métodos usados; a validade dos estudos; a confiabilidade dos resultados e a capacidade de generalização da pesquisa qualitativa. Coloca-se em xeque o papel do pesquisador e sua hegemonia. Destarte, buscam-se novas metodologias, novas formas de narrativa, e, sobretudo, entende-se que a teorização não pode dar conta do mundo como um todo, ela deve ser local, ajustar-se a problemas específicos e a situações particulares. Por último, esse cenário contraditório e caótico, faz com que várias estratégias e métodos de pesquisas se sobreponham e que haja uma tentativa de diálogo entre paradigmas (veja BURRELL; MORGAN, 1979 para maior compreensão). Essa dicotomia reforça a necessidade de aproximação entre ciências sociais e humanidades para conversas críticas de diversos temas (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Após exposição desses fatos, torna-se possível arriscarmos uma definição sobre o que é pesquisa qualitativa nos

dias de hoje. Para Flick apud Godoi (2006) o rótulo pesquisa qualitativa é usado como termo “guarda-chuva” sob o qual estão abrigadas várias formas de investigação que auxiliam os pesquisadores no entendimento do sentido de fenômenos sociais, com menor ruptura possível do ambiente natural em que ocorrem. A pesquisa qualitativa não procura enumerar ou medir eventos estudados, nem prega referencial estatístico na análise de dados, os interesses vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Ainda, do ponto de vista metodológico, acredita-se que a melhor possibilidade para se captar a realidade é aquela que possibilita ao pesquisador colocar-se no papel do outro (GODOY, 1995). Denzin e Lincoln (2006) complementam que a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo; consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, entrevistas, fotografias. Busca-se entender o fenômeno em termo dos significados que as pessoas a ele conferem. A competência da pesquisa qualitativa será o mundo da experiência vivida, pois é nele que a crença individual, ação e cultura entrecruzam-se (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Vale observar que algumas **características diferenciam a pesquisa qualitativa** da abordagem quantitativa, que não consideramos como concorrente. A abordagem qualitativa entende que a realidade é subjetiva e múltipla, que ela é construída de modo diferente por cada pessoa. Assim, o pesquisador deve interagir com o objeto e sujeito pesquisado, a fim de dar vozes a eles para construir uma teia de significados. Para isso, os valores pessoais do pesquisador, ou seja, sua visão de mundo fará parte do processo

investigativo, sendo impossível desvincular-se dela. Esse processo dialético é indutivo, dessa forma a generalização perde força para a descoberta e a linguagem padronizada liberta-se e evolui para novas possibilidades narrativas, que buscam integrar um esquema de múltiplas vozes (GERGEN; GERGEN, 2006). O pesquisador busca situar e recontextualizar o projeto de pesquisa no âmbito das experiências compartilhadas (GODOI, 2006).

Dentro desta realidade fragmentada e contraditória, vale a pena abrir um parêntese para falar sobre o trabalho do pesquisador nesse tipo de abordagem. Metaforicamente, podemos associar o **papel do pesquisador qualitativo** ao do intérprete. Ele interpreta o fluxo do discurso social: falas, silêncios, gestos, ações. Traduz os significados socialmente construídos e interpretados em primeira mão pelo sujeito (JAIME JUNIOR, 2002). Para dar significados a esses “textos”, o pesquisador é influenciado por sua própria história de vida, por sua visão de mundo, pelo seu gênero, raça e cultura. Por vez, sua biografia e narrativa interferem ativamente no processo de pesquisa, que é construído de forma criativa e interativa (DENZIN; LINCOLN, 2006). Alguns autores defendem que o pesquisador qualitativo deve manter uma postura de empatia e identificação com os sujeitos, outros acreditam que a postura de neutralidade, apática, deve ser mantida, isso dependerá da postura epistemológica utilizada (GOULART; CARVALHO, 2005).

Na abordagem qualitativa, o pesquisador poderá adotar uma multiplicidade de métodos para assegurar a compreensão em profundidade do fenômeno. Cada método e instrumento aplicados fazem

com que a pesquisa se modifique. Alguns **Métodos** frequentemente usados em estudos qualitativos são: o estudo de caso único ou múltiplo, a etnografia, a história de vida, a *grounded theory*, a pesquisa-ação, a fenomenologia. Vale lembrar que a escolha ou escolhas sobre qual método ou métodos a utilizar dependerá da pergunta de pesquisa, que por sua vez dependerá do contexto. Quanto às **técnicas de coleta e análise de dados** pode-se mencionar que as mais usuais são a entrevista, a observação participante, a observação direta, a análise de discurso, a análise de conteúdo, a análise da narrativa, assim como uma infinidade de outras formas, oriundas da criatividade meticulosa do pesquisador. Para auxílio na tarefa de tratamento de dados qualitativos o pesquisador moderno conta com o apoio de *softwares* computacionais (ver BANDEIRA-DE-MELLO, 2006).

Devido a essa multiplicidade ferramental e epistemológica, Vieira (2004) aponta que os problemas de **qualidade** nas pesquisas qualitativas decorrem, em sua maioria, não de limitações específicas dos métodos usados, mas sim de seu uso inadequado. Para o autor, filiado à linhagem pragmática, a cientificidade, o rigor e a confiabilidade são características fundamentais para uma boa pesquisa qualitativa.

Ainda, na visão de Vieira (2004), para que os resultados de uma pesquisa qualitativa sejam confiáveis torna-se necessária a descrição exaustiva da forma como os dados foram coletados, tabulados e analisados. A **validade interna** buscará saber se os resultados levantados pelo pesquisador fazem sentido, se corresponde realmente ao relato da realidade. Para tanto, o pesquisador poderá contar com a

técnica de triangulação de diferentes pontos de vista, com a validação dos resultados por parte dos sujeitos pesquisados ou com a explicitação de explicações rivais. Vale destacar que a triangulação pode assumir o formato de um cristal, abrigando uma multiplicidade de visões de mundo, tornando o resultado da pesquisa profundo, rico e rigoroso (DENZIN; LINCOLN, 2006). Outro quesito, a **confiabilidade** do estudo qualitativo se dá a partir da definição do *status* do pesquisador, que deverá contextualizar seus esforços posicionando-se em relação a suas escolhas de forma consistente. No que tange a **validade externa e transferibilidade**, ou seja, como tais conclusões poderão ser transferidas para outro contexto, generalização, prega-se novamente pela necessidade da riqueza na descrição dos processos metodológicos adotados. Portanto, acredita-se que esse processo poderá ser replicado por outro pesquisador em outros contextos.

Tais postulados, acima mencionados, são contraditórios no campo da pesquisa qualitativa. Autores de linhagem interpretativista, como Denzin e Lincoln (2006), defendem que esses critérios de qualidade não fazem parte do contexto da abordagem qualitativa. Nessa perspectiva a credibilidade, transferibilidade, confiança e confirmabilidade substituem a validade interna, validade externa, confiabilidade e objetividade. A generalização objetiva é substituída pela generalização analítica, na qual o próprio leitor é responsável por generalizar, se isso é mesmo possível (MATTOS, 2006).

Por último, enfatizamos o **desenho da pesquisa qualitativa**, que apresenta algumas singularidades. Sendo assim, algumas recomendações auxiliam o desenvolvimento de um projeto de

pesquisa robusto e consistente. A primeira deve-se a descrição do perfil do pesquisador, assim como valores, perspectivas teóricas e “paradigmas” que vão sustentar a pesquisa. Outro tópico refere-se à escolha do método ou métodos a serem utilizados, observa-se que a pergunta de pesquisa guiará essa escolha, que por sua vez deverá ser relevante a estrutura do projeto. Na fase de elaboração do relatório de pesquisa a narrativa pode assumir formas diversas, desde textos na primeira pessoa até poemas (para maior riqueza de detalhes veja GOULART; CARVALHO, 2005). O critério que justificará essas escolhas são as próprias justificativas do pesquisador, responsável por explorar as contradições e por tentar mostrar o fenômeno na sua totalidade (CHUEKE; LIMA, 2011).

Considerações finais

Apesar da trajetória conturbada, nos últimos anos, a pesquisa qualitativa vem ganhando espaço em publicações acadêmicas pertencentes a diversas áreas de conhecimento, principalmente aquelas que não a privilegiavam em seus primórdios. Provavelmente, tal fato seja ocasionado pela necessidade de ruptura com a forma tradicional de se fazer ciência e devido a maior complexidade dos fenômenos estudados.

Entretanto, como podemos observar ao longo do texto, a abordagem qualitativa sofre a influência de duas vertentes paradigmáticas antagônicas, o positivismo-lógico e o interpretativismo. Essas visões fazem com que as discussões no campo sejam calorosas e que os critérios de qualidade para essas pesquisas não sejam claros. Todavia, acreditamos que tais visões não sejam concorrentes, nem complementares, visto não haver

diálogo entre elas, tampouco complementaridade.

Acreditamos que a corrente paradigmática a qual o pesquisador irá se afiliar deva ir ao encontro de sua questão de pesquisa e, também, seguir as premissas epistemológicas da área de conhecimento que ele faz parte. Assim, os critérios de qualidade a serem adotados poderão ser definidos de acordo com o fenômeno a ser pesquisado, facilitando o estabelecimento de critérios de qualidade para cada estudo em específico.

Por último, vale mencionar a questão da legitimação dessa abordagem. Apesar da ascensão e do interesse por esse tipo de pesquisa, são poucos os periódicos acadêmicos que dão vazão para essa produção. Outro ponto crítico, em algumas áreas de conhecimento, como a administração de empresas, deve-se à indisponibilidade de pareceristas preparados para avaliar tal tipo de investigação. Essas limitações fazem com que a legitimação desse tipo de pesquisa seja lenta e tardia se comparada a outras abordagens, porém não menos importante e fundamental para novos avanços científicos.

Referências

- BANDEIRA-DE-MELLO, R. *Softwares* em pesquisa qualitativa. In _____. (Org.) GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2006, p. 429-457.
- BURRELL, G.; MORGAN, G. *Sociological paradigms and organizational analysis*. London: Heinemann Educational Books, 1979.
- CALDAS, M.; BERTERO, C. *Teoria das organizações*. São Paulo: Atlas, 2007.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- CHUEKE, G. V.; LIMA, M. C. Pesquisa qualitativa em gestão internacional: dilemas, reflexões e desafios. In: I COLÓQUIO DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO, 2011, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: <<http://www.coloquioepistemologia.com.br/anais.html>> Acesso em: 02 ago. 2011.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In _____. (Org.) DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-42.
- GERGEN, M. M.; GERGEN, N. K. Investigação qualitativa: tensões e transformações. In _____. (Org.) DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 367-388.
- GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. Pesquisa qualitativa e o debate sobre a propriedade de pesquisar. In _____. (Org.) GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2006, p. 1-16.
- GODOI, C. K.; BALSINI, C. P. V. Pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais brasileiros: uma análise bibliométrica. In _____. (Org.) GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2006, p. 89-112.
- GODOY, A. S. Refletindo sobre critérios de qualidade na pesquisa qualitativa. *Revista Gestão.Org*, v. 3, n. 2, p. 85-94, mai/ago, 2005.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr., 1995.
- GOULART, S.; CARVALHO, C. O pesquisador e o design da pesquisa qualitativa em administração. In _____. (Org.) VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. *Pesquisa qualitativa em Administração: Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p. 97-118.
- JAIME Jr., P. Um texto, múltiplas interpretações: antropologia hermenêutica e cultura organizacional. *Revista de Administração de Empresas*, v. 42, n. 4, p. 72-83, 2002.

MATTOS, P. L. C. L. de. Os resultados de minha pesquisa qualitativa não podem ser generalizados: pondo os pingos nos is dessa ressalva. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 30., 2006, Salvador. *Anais...* Salvador: ANPAD, 2006. 1 CD-ROOM.

ROHMANN, C. *O livro das idéias: um dicionário de teorias, conceitos, crenças e*

pensadores, que formam nossa visão de mundo. 2ª edição. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

SANTOS, B. de S. *Um discurso sobre as ciências*. 9ª edição. Porto: Edições Afrontamento, 1997.

VIEIRA, M. M. F. Por uma boa pesquisa qualitativa. In _____. (Org.) VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. *Pesquisa qualitativa em Administração*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 13-28.